

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade



**Denise Pereira
(Organizadora)**

Atena
Editora

Ano 2021

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade



Denise Pereira
(Organizadora)

Atena
Editora

Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes editoriais

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

História: espaços, poder, cultura e sociedade

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadora: Denise Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: espaços, poder, cultura e sociedade / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-438-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.389212608>

1. História. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Título.
CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

O e-book “*História: Espaços, poder, cultura e sociedade*” proporciona um olhar diferenciado ao campo da História. Perguntas recorrentes anteriormente como, a História é um campo com especialidades bem demarcadas ou, ao contrário, é tão múltipla que permite infinitas possibilidades de estudo da sociedade? Tais como olhar a história sob a ótica de espaços de poder e da diversidade cultural dentro de uma sociedade global.

A sociedade que se delimita através dos enfoques e das interpretações do historiador, e que pressupões a perspectiva a partir da qual eles são traçados, sem que haja distinção relevante entre o campo específico do conhecimento que se constitui e o sujeito que conhece. Concebida assim, a partir dessa definição do campo social, a sociedade, que se pretende investigar pela ótica da historiografia, pressupões a especificidade do jogo de relações e posições que conduzem à configuração política e cultural, inscrita na experiência dos sujeitos, incluindo a dos próprios pesquisadores.

Ao mesmo tempo devemos compreender, que por meio de uma nova sociedade, ou seja, uma sociedade globalizada ampliou-se as facilidades de comunicação e, conseqüentemente, a transmissão dos valores culturais, transformações das configurações da economia, da política, da educação, principalmente dos percursos da história.

Ao apresentar métodos, aportes teóricos, objetos de estudo privilegiados e fontes históricas utilizadas evita-se delimitar o campo, mas propicia discutir as interconexões existentes entre as diferentes pesquisas divulgadas. Ao mesmo tempo, busca esclarecer as conexões possíveis entre História com outros campos do conhecimento como Sociologia, Antropologia, Geografia, Política, Educação, Religião, Literatura, Museologia, Arquitetura e Arte. Estudar a sociedade por essa multiplicidade de perspectivas nos leva a constatar que a História é, cada vez mais, um exercício democrático que deve continuar ocupando o centro dos debates atuais.

Espero que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!


Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

UMA REFLEXÃO SOBRE AS FACES DO TRABALHO NA AMAZÔNIA E SEUS SIGNIFICADOS NO CONTEXTO DOS BOIS-BUMBÁS DE PARINTINS


Deilson do Carmo Trindade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3892126081>

CAPÍTULO 2..... 14

DESIGNAÇÃO ELETIVA E CARREIRAS POLÍTICO-RELIGIOSAS NO PRIMEIRO REINADO


Joelma Santos da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3892126082>

CAPÍTULO 3..... 23

SÃO PAULO – UMA CIDADE NO PROCESSO DE SEGREGAÇÃO SOCIOCULTURAL E URBANÍSTICO NO INÍCIO DO SÉCULO XX


Robson Roberto da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3892126083>

CAPÍTULO 4..... 37

INHOTIM: UM RETRATO NA PAREDE?

Webert Fernandes de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3892126084>

CAPÍTULO 5..... 51

ANÁLISIS ESPACIO TEMPORAL DE CAMBIOS DE USO Y COBERTURA DE LA TIERRA EN LA CIUDAD DE MOQUEGUA Y EL PUEBLO DE SAMEGUA DE 1955 Y 2018


Osmar Cuentas Toledo

Maryluz Cuentas Toledo

Marco Alexis Vera Zúñiga

Maribel Pacheco Centeno

Bedoya Justo Edgar Virgilio


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3892126085>

CAPÍTULO 6..... 64

O ESPORTE E AS NARRATIVAS SOBRE A NAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS CRÔNICAS ESPORTIVAS DE JUCA KFOURI

Euclides de Freitas Couto

Alan Castellano Valente


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3892126086>

CAPÍTULO 7..... 76

“ZUMBI” PARA A GESTÃO DA FUNDAÇÃO PALMARES NO GOVERNO BOLSONARO

Andréia de Fátima de Souza Dembiski

Lucas Guerra da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3892126087>

CAPÍTULO 8..... 87

FUTEBOL E RESISTÊNCIA: O PAPEL DOS COLETIVOS DE TORCEDORES NA RESSIGNIFICAÇÃO DOS MODOS DE TORCER (2013-2018)

Guilherme Pontes Silveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3892126088>

CAPÍTULO 9..... 100

LIMBO BRASILEIRO: A CRIAÇÃO DA IMAGEM DAS *ESCOLAS PRÁTICAS DE AGRICULTURA* PELO *CORREIO PAULISTANO*

Nicole Naomi Handa Nomura

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3892126089>

CAPÍTULO 10..... 107

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O MUSEU: A ARTICULAÇÃO ENTRE HISTÓRIA, MEMÓRIA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Cristiane Bartz de Ávila

Ângela Mara Bento Ribeiro


Maria de Fátima Bento Ribeiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260810>

CAPÍTULO 11..... 118

PATRIMÔNIO CULTURAL E SEGUNDA ESCRAVIDÃO: HISTÓRIA E MEMÓRIA DO VALE DO CAFÉ


Luana da Silva Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260811>

CAPÍTULO 12..... 134

MEMÓRIA, HISTÓRIA ORAL E IDENTIDADE NOS QUILOMBOS DO RIO ANDIRÁ, FRONTEIRA AMAZONAS PARÁ

João Marinho da Rocha


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260812>

CAPÍTULO 13..... 149

FAO: EDUCAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO RURAL NA AMÉRICA LATINA

Dayane Santos Silva


Lucas Santos Macedo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260813>

CAPÍTULO 14..... 158

OS TENTÁCULOS DO CAPITAL E OS SENTIDOS DA CIDADE: URBANIZAÇÃO, TRABALHO E FUTEBOL NA CIDADE DE SANTOS (1892 – 1920)

André Luiz Rodrigues Carreira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260814>

CAPÍTULO 15..... 176

ENSINO DE HISTÓRIA E EMANCIPAÇÃO HUMANA: CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR A ESCOLA PÚBLICA CONTEMPORÂNEA

João Carlos da Silva

Elisângela Batista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260815>

CAPÍTULO 16..... 189

A FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA NOS PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS DE ESCOLAS TÉCNICAS: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DA CLASSE TRABALHADORA

Cláudia Maria Bernava Aguillar

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260816>

CAPÍTULO 17..... 203

PRÁTICA DOCENTE: O BLOG COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA ENSINAR HISTÓRIA DA ÁFRICA

Suellen de Souza Lemonje

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260817>

CAPÍTULO 18..... 216

MONTESQUIEU, BENJAMIN CONSTANT, TOCQUEVILLE E ALGUNS PROBLEMAS DO MUNDO MODERNO

Marco Antonio Barroso

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260818>

CAPÍTULO 19..... 227

FAUNA E FLORA FANTÁSTICA NA FRANÇA ANTÁRTICA (1555-1560)

Felipe Santos Deveza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260819>

CAPÍTULO 20..... 250

ESPAÇO E LINGUAGEM: CONTRIBUIÇÕES LITERÁRIAS DE GERMINAL NO ESTUDO DA SOCIEDADE INDUSTRIAL

Rodrigo Janoni Carvalho


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260820>

CAPÍTULO 21..... 259

AS CÂMARAS MUNICIPAIS DA CAPITANIA DE MATO GROSSO: ETIQUETA, HONRA E PRESTÍGIO

Gilian Evaristo França Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260821>

CAPÍTULO 22.....	272
O NEGRO NO LIVRO “HISTÓRIA DO PARÁ”, DE BENEDICTO MONTEIRO (2006) Amanda Martins Olegário  https://doi.org/10.22533/at.ed.38921260822	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	281
ÍNDICE REMISSIVO.....	282

FAUNA E FLORA FANTÁSTICA NA FRANÇA ANTÁRTICA (1555-1560)

Data de aceite: 24/08/2021

Felipe Santos Deveza

<http://lattes.cnpq.br/2021823361666527>

<https://orcid.org/0000-0002-7136-2434>

RESUMO: O artigo tem como objetivo analisar os relatos da fauna e flora nas obras de André Thevet e Jean de Léry em que narraram as viagens que fizeram a Baía de Guanabara durante a França Antártica (1555-1560). Nesses relatos há uma enorme preocupação em narrar as novidades, com particular ênfase na fauna e na flora, incluindo os tupinambá e seus costumes. Com ênfase nas descrições da fauna, procuramos demonstrar o contexto social e político dos autores, bem como refletir sobre o impacto dessas obras no imaginário dos leitores da época e um possível combustível para novas personagens das descrições fantásticas que alimentavam o imaginário europeu no século XVI.

PALAVRAS-CHAVE: André Thevet, Jean de Léry, França Antártica, Fauna Fantástica, Baía de Guanabara, História do Rio de Janeiro.

ABSTRACT: The article aims to analyze the accounts of fauna and flora in the works of André Thevet and Jean de Léry in which they narrated their journeys to Baía de Guanabara during the Antarctic France (1555-1560). In these accounts, there is an enormous concern in narrating the news, with particular emphasis on fauna and

flora, including the tupinambá and their customs. With emphasis on the descriptions of the fauna, we seek to demonstrate the social and political context of the authors, as well as reflect on the impact of these works on the imaginary of the readers of the time and a possible fuel for new characters of the fantastic descriptions that fed the European imaginary in the sixteenth century.

KEYWORDS: André Thevet, Jean de Léry, Antarctic France, fantastic fauna, Guanabara Bay, History of Rio de Janeiro.

Assim esses povos existiram por séculos, chegaram a conhecer a natureza em detalhes, sabiam o nome de cada bichinho, de cada planta e sabiam para que servia, ou não servia. Viveram aqui pelo menos 10 mil anos, comungando com a natureza. Tiraram da natureza dezenas de plantas selvagens, e domesticaram para poder plantar na roça tudo junto¹.

Quando os europeus chegaram na América encontraram um mundo diverso do que conheciam, tanto em relação à população humana, como em relação à fauna e à flora.

Esse encontro entre o “novo” e o “velho” mundo foi tratado por inúmeros autores e continua a mobilizar novos debates pelo seu aspecto único na História. Tzvetan Todorov² comparou ao impacto que teríamos ao encontrar seres de outros planetas atualmente.

1 Ribeiro, 2005 in: *Povo Brasileiro*. Série em 10 episódios baseados na obra de Darcy Ribeiro. Direção. Isa Grinspum Ferraz, colorido, 280 min. Co-produção: TVcultura, GNT e Fundar, 2005.

2 2014, p. 6-7

A nossa imaginação sobre um possível contato extraterrestre está povoada com seres míticos contemporâneos, como aliens de Hollywood, desenhos e vultos do ET de Varginha³, disco-voadores, seres de filmes como Guerras nas Estrelas e um sem-número de outros mitos que não tem base em nenhum ser de outro planeta conhecido.

A imagem que temos desses extraterrestres dizem muito mais sobre nós, sobre uma leitura particular do apocalipse, sobre um culto à eletrônica, sobre ameaças imperialistas, sobre o quanto nos impressiona o voo e outras habilidades quase mágicas que atribuímos a seres mitológicos desde a antiguidade. Até prova do contrário, sobre seres de outros planetas não sabemos nada.

Os relatos europeus do século XVI falam sobre os mitos europeus e o que queriam encontrar em outros lugares. O relato, a experiência pessoal com a realidade nem sempre significou a superação dos mitos ou uma ampliação do conhecimento objetivo. Recentemente em uma conferência denominada “*El mundo maravilloso y mágico de los conquistadores*”, Guilhem Olivier⁴ questiona a objetividade europeia no século XVI, quando comparada a cosmovisão indígena.

(...) em que medida esse clichê que ainda temos de uns índios “supersticiosos” e uns espanhóis maquiavélicos e renascentistas é uma caricatura. Na realidade temos que matizar um pouco as coisas⁵

A Baía de Guanabara, na atual cidade do Rio de Janeiro teve poucas menções anteriores a meados do século XVI, mas a tentativa de ocupação francesa entre 1555 e 1560 produziu uma documentação importante.

O texto a seguir tem como objetivo analisar dois relatos importantes que trataram entre outras questões, a fauna e a flora da Baía de Guanabara escritos por André Thevet e Jean de Léry. Esses relatos foram conhecidos no final do século XVI e tiveram bastante divulgação na Europa, constituindo importantes fontes, particularmente sobre a sociedade tupi nessa primeira fase da ocupação europeia do litoral onde atualmente se encontra o Brasil.

Embora Thevet e Léry sejam personagens muito conhecidos da historiografia que tem se dedicado a História do Brasil colonial, é importante apresentar as obras e os autores, já que são fundamentais para a hipótese deste artigo.

André Thevet (1516-1590) foi um frei franciscano que no período da efêmera França Antártica (1555-1560) conseguiu publicar uma descrição da região da Baía de Guanabara, atualmente Rio de Janeiro, sob o título de *Les singularitez de la France antarctique, autrement nommée Amerique, & de plusieurs terres et isles decouvertes de nostre temps*,

3 No Brasil ficou muito popular algumas notícias sobre um ser alienígena que teria sido capturado em 1996 no município de Varginha, Minas Gerais. Desde então há relatos de mortes de animais sem explicação e pessoas que acreditam ter visto naves espaciais e seres alienígenas na região.

4 2019

5 Olivier, Guilhem. “El mundo maravilloso y mágico de los conquistadores” In Ciclo de Conferencias, primavera de 2019: En torno a la Conquista. Conferência apresentada no Centro de Estudos Históricos de México (CEHM), México, 2019. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=BkQgl64Pu_o; Acessado em: 10 maio 2019

em português, Singularidades da França Antártica, publicada pela primeira vez em 1558. A partir de 1560, Thevet se tornaria o “Cosmógrafo do Rei”, primeiro a ocupar esse cargo na França. Na época, essa denominação estava relacionada a um sentido amplo e generalista, comparável a atividade do geógrafo ou do naturalista do século XVIII e XIX, mas com vínculos diretos com a monarquia.

Thevet escreveu outras obras, duas de viés enciclopédico. Em 1575 apareceu a primeira edição de “Cosmografia Universal”, e em 1584 publicou “*Les vrais portraits et vies des hommes illustres grecz, latins et payens, recueillez de leurs tableaux, livres, médalles antiques et modernes*” (em tradução literal: As verdadeiras imagens e vidas de ilustres homens gregos, latinos e pagãos, coletadas de suas pinturas, livros, medalhas antigas e modernas) em 9 volumes. Nessa última obra, Thevet chega a citar Saladino, Atahualpa e Montezuma, demonstrando o sentido enciclopedista e universalista que quis dar a obra.

A *Cosmografia Universal*, descritiva e tentando abarcar os quatro continentes conhecidos, tratou dos indígenas tupinambá da costa brasileira, que levaria o sapateiro calvinista francês, Jean de Léry (1534-1611), que esteve na Baía de Guanabara, a escrever outra obra descritiva, *Viagem a terra do Brasil*, publicada a primeira vez em 1578.

O objetivo desta obra, o próprio Léry explica em seu prefácio, que reproduzimos abaixo:

Como poderiam espantar-se de que somente dezoito anos após a minha viagem à América tenha eu resolvido a publicar essa narrativa, pareceu-me útil dizer as causas desse atraso. (...) Na realidade havia ainda uma razão para isso; o fato de eu não me sentir à altura de usar a pena, embora ao chegar ao Brasil, em 1558, fosse publicado o livro intitulado “singularidades da América” redigido pelo sr. De La Porte de acordo com as narrações e memórias de André Thevet, e como observa o sr. Fumée, em seu prefácio à “história Geral das Índias”, se apresenta prenhe de mentiras. E teria eu conservado o silêncio se o dito autor se houvesse contentado com essa série de erros. Mas ao verificar, neste ano de 1577, pela leitura de “Cosmografia” de Thevet, que ele somente repetia suas mentiras e ampliava os seus erros (sem dúvida na esperança de que todos estivéssemos enterrados ou não ousássemos contradizê-lo) mas ainda se valia da oportunidade para detrair dos ministros e imputar mil crimes aos que como eu os acompanharam em 1556 à terra do Brasil, com digressões falsas e injuriosas, vi-me constrangido a dar à luz o relato de nossa viagem.”.

Como fica claro nas palavras de Léry, seu objetivo, além de deixar registrada as coisas que viu na viagem ao Brasil, também pretendia desmentir as acusações de Thevet aos calvinistas que estiveram na França Antártica, expedição da qual fez parte Léry. E nessa disputa pela veracidade dos relatos, Léry também buscou demonstrar objetividade no relato da fauna e da flora.

As décadas de 1560 e 1570 foram de conturbada disputa religiosa na França, e de certa forma, a experiência colonial francesa na Baía de Guanabara vivenciou como um microcosmos essas disputas.

Thevet, católico e diretamente relacionado ao rei, fez parte da primeira expedição comandada por Villegagnon. Esteve por 10 semanas, logo no início da empreitada. Por motivo de doença, não pôde continuar e retornou a França, reunindo anotações e relatos para produzir o seu texto. Seu livro alcançou enorme repercussão, com diversas gravuras, levou uma das primeiras descrições e imagens da Mata Atlântica ao público europeu.

Esses dois autores estão envolvidos em um encontro curioso entre uma tentativa de estabelecer uma colônia francesa em território reivindicado por Portugal, em meio a lutas religiosas que convulsionariam a França e um dos primeiros contatos com os povos tupis, que praticavam a antropofagia ritual. Esses são os temas principais com que essas fontes foram exploradas e revisitadas desde o século XVI, sendo inclusive a obra de Thevet uma das principais inspirações para a ideia de “Bom Selvagem” e Estado de Natureza nas ciências políticas e jurídicas modernas⁶.

Em relação aos animais e plantas descritas, há menções importantes e registros de primazia que motivaram botânicos e zoólogos brasileiros interessados na história da taxonomia no país.

Além da curiosidade, quais outros contextos deram forma as descrições de Thevet e Léry?

As motivações do esforço descritivo de André Thevet foram sistematizados por Raminelli da seguinte maneira:

Na carta de privilégio, ficava também estabelecido, de forma difusa, que os ensinamentos do frei seriam úteis aos homens estudiosos do reino da França e para promover o melhoramento das belas letras. No prefácio, Thevet ainda concedeu outras pistas sobre o público leitor, alvo de seus esforços, e sobre os objetivos que o levaram a redigir suas memórias da viagem. Os fatos e a fiel observação das diversas terras e nações, juntamente com os seus costumes e modos de vida, contribuíam, segundo o frei, para aumentar a perfeição do homem. Essas atividades, por certo, eram as mais louváveis entre todas, pois só elas de fato permitiriam o enriquecimento do espírito com heroica virtude e sólida ciência. O frei não enfatizou, porém, como as preciosas informações inventariadas viabilizariam a sustentação da nova conquista francesa, ele nem mesmo concebia as potencialidades da França Antártica como riquezas coloniais. Seus interesses, por certo, eram outros. Para não ser considerado, qual Diógenes entre os atenienses, como pessoa ociosa e inútil, Thevet decidiu registrar por escrito as inúmeras e notáveis coisas que diligentemente observou durante a viagem. Para tanto, concedeu a localização e a situação dos lugares, definiu o clima, a zona e o paralelo. Descreveu os mares, as ilhas e a terra firme, a temperatura do ar, os costumes e os modos de vida de seus habitantes. Não descuidou dos aspectos e características dos animais aquáticos e terrestres, das árvores, arbustos e seus respectivos frutos, dos minerais e das pedras preciosas. (...) Para além de validar o discurso, as raridades americanas destinavam-se a alimentar um sistema de patronagem, seriam dons ofertados a seus superiores. Os artefatos, portanto, viabilizariam doações de peças raras e exóticas aos senhores de prestígio. Como

6 Whelling, Arno (2012) faz uma análise da influência das obras de Thevet na visão europeia acerca do Estado de Natureza e do jusnaturalismo, ideias fundamentais para o liberalismo.

recompensa de seus serviços e da oferenda, Thevet talvez almejasse o lugar de cosmógrafo do rei⁷.

Thevet havia vivido em um convento franciscano, teve contato com a literatura clássica e pretendia cumprir um serviço de conhecimento de realidades extra europeias, possivelmente em vista do cargo de Cosmógrafo do Rei. Em sua viagem pelo Oriente Médio, entre 1549-1553, deixou anotações e um grande inventário de informações que depois foram compiladas em um livro⁸, *Cosmographie du Levant*, que descrevia Constantinopla, Egito, elefantes, pirâmides e tantas outras novidades, com xilogravuras que se tornaram conhecidas na Europa.

Tanto Thevet, quanto Léry tem consciência de que as obras clássicas e mesmo a bíblia não reconhecem as “singularidades” da América, e as descrições feitas por eles tem como objetivo completar essa lacuna. O modelo descritivo é parecido com o estilo antigo, baseado na descrição de Plínio, o Velho⁹, em sua *História Natural*. O próprio Thevet retoma os autores clássicos a fim de encontrar fontes que lhe ajudem organizar o que conheceu no novo continente americano.

Jean de Léry, além de desejar contrapor as acusações de Thevet, está mobilizado pelo proselitismo calvinista, menos relacionado ao sistema de benesses do antigo regime.

(...) perpetuar aqui a lembrança de uma viagem feita expressamente à América para estabelecer o verdadeiro serviço de Deus, entre os franceses que para ai se haviam retirado como entre os selvagens que habitam esses países, estimei de meu dever levar à posteridade o nome daquele que foi a causa e o motivo da expedição¹⁰.

A estrutura de ambos textos, tanto de Thevet, quanto de Léry segue um sentido temporal e cronológica das viagens, dividindo em tópicos que descrevem as terras do novo mundo: Aspectos naturais e geográficos, fauna flora e as populações nativas, como parte de um conjunto.

Dessa maneira, o relato começa com a organização e as motivações da viagem na Europa, depois vai enumerando nos capítulos que vão se seguindo os detalhes das diversas etapas da rota marítima para a França Antártica. Thevet separa capítulos para a

7 Raminelli, 2008: 197

8 Imagina-se que o autor do texto seja François de Belleforest.

9 “Durante o império romano, ao invés de tentar novas descobertas, procurou-se sobretudo reunir os conhecimentos geográficos da época. Foi assim que surgiram obras enciclopédicas, tais como a *Geografia* de Estrabão e a *História Natural* de Plínio, o Velho. A exemplo de seus colegas gregos, esses autores oferecem uma visão fabulosa desses territórios bastante diferentes de Roma, e que eram então denominados Índia e Etiópia.

Os séculos seguintes testemunharam o inexorável declínio do Império e de seu espírito racional. O tratado de Solin, Coleção das maravilhas, escrito no século III, prefigura uma nova maneira de pensar: ao reproduzir a obra de Plínio, ele o faz de forma a dar preponderância à mitologia, em seu amontoado heteróclito de países maravilhosos, monstros e seres prodigiosos. Sua influência sobre geografia foi tão decisiva quanto nefasta, inspirando Santo Agostinho e outros Pais da Igreja.

Nessa nova Europa, doravante cristã, o acesso ao conhecimento se dava através da intuição dos desígnios divinos. A bíblia interrompeu em todas as disciplinas do saber e seus preceitos eram considerados como fonte e a expressão final da ciência. A descrição do globo e dos seres que o habitam devia se fazer em conformidade com o que ensinavam as Escrituras a respeito do céu, da terra, do mar e dos continentes.” (Magasish-Airola, 2000: 22 - 23)

10 Lery, 1980: 31

costa africana, enquanto que Léry já no capítulo V trata da costa do atual Brasil.

OS MITOS EUROPEUS QUE DESEMBARCARAM NA AMÉRICA

Os europeus que chegaram a América tinham atrás de si o conhecimento botânico e zoológico das obras de Aristóteles, que tentava organizar a fauna conhecida. *A História dos Animais*¹¹ separava os animais de sangue vermelho aos que não possuíam sangue. (vertebrados e invertebrados, na classificação atual). Aristóteles listou mais de 500 espécies, fazendo descrições fisiológicas, comparações acerca da locomoção, reprodução, respiração, etc. Quatro séculos depois, Plínio, o Velho, escreveu a *História Natural*, em que aparecem compiladas informações sobre geografia, minerais, plantas e animais. Os livros VII a XI trataram da zoologia e nos XII ao XVII foi tratada a botânica. Um artigo atual de Roberto Martins de Andrade¹² faz uma comparação entre esses dois autores na descrição de alguns animais específicos, debatendo o que de correto, sob o ponto de vista da biologia contemporânea, há nesses autores.

Ambas as obras descrevem seres que não existem. Plínio, por exemplo, fala de Trogloditas, Garamantes e Blêmios, povos sem fala, comedores de serpentes e seres sem cabeça, respectivamente.

Na Idade Média não surgiram obras com a preocupação de classificar metodicamente as espécies. O Gênesis, e a sequência dos 7 dias de criação do mundo, foi muito utilizado para classificar as espécies. Segundo esse texto, no quinto dia foram criados os peixes e os pássaros; no sexto, os animais domésticos, os répteis e os animais selvagens. Antes do crepúsculo, deus criou o homem. Mas além dessa descrição, os homens da Idade Média europeia imaginaram seres de terras desconhecidas, com características monstruosas, combinando partes de animais conhecidos, com habilidades mágicas. Os livros que divulgaram os animais conhecidos e os que nunca existiram ficaram conhecidos como bestiários e foram publicados durante toda a Idade Média. Nos primeiros séculos do cristianismo surgiu uma obra, sem autor conhecido, que associava a natureza às passagens da Bíblia. Essa obra é conhecida como *Physiologus*, e aparece como um padrão que seguiria os bestiários medievais.

Outro texto que parece alimentar os bestiários medievais foram as *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha, escrita no século VII, com várias partes dedicadas a descrição dos animais. Essa obra descreve os animais em 8 categorias: Animais domésticos, selvagens (em que estão os leões, raposas, licornes, esfinges e sátiros), depois pequenos animais, serpentes, vermes, peixes, pássaros e os animais pequenos que voam. Nessas categorias estão a águia, e as borboletas, mas também a fênix e o basilisco, que tem o poder de matar com o bafo¹³.

11 Aristóteles. *História dos animais*. Livros VII-X. Lisboa: Impr. Nacional-Casa da Moeda, 2008.

12 2006

13 Magasich-Airola, 2000:231-235.

Ao longo da Idade Média uma das grandes fontes que incrementaria os bestiários são os relatos de viajantes, que retornam de lugares distantes, descrevendo suas descobertas e aguçando a imaginação europeia.

Já os bestiários europeus da Idade Média devem ter diluído ainda mais os limites que separavam a realidade e a fantasia, por força da superstição quase que institucionalizada pela igreja católica. As gárgulas, os demônios, os dragões, as feras formadas por partes de diferentes animais, as bestas, o diabo, as bruxas; tudo estava demasiado próximo do povo na arquitetura das catedrais, nos vitrais, nos sermões, nas masmorras e nas fogueiras. No imaginário medieval, e não só nos bestiários (que, é claro, são parte da materialidade desse imaginário), os dragões provavelmente brigavam com os urubus, as damas-do-pé-de-cabra espreitavam os homens pecadores, e as sereias os pescadores. Nesse contexto, mesmo que uma obra se propusesse fiel ao mundo objetivo, ela necessariamente carregaria um pouco do mundo mágico onde foi parida¹⁴.

Até o século XV, os europeus tinham uma imagem pouco clara, como revelam os mapas de como eram esses continentes e que animais e plantas habitavam. Os portugueses serão os primeiros a ter uma ideia do litoral africano, e no final do século chegarão a Ásia. Cristóvão Colombo que imaginou estar chegando na Ásia, e morreu sem saber que tinha encontrado outro continente, associava a exuberância tropical com a proximidade do Paraíso Terrestre. Os europeus do século XVI conheciam muito pouco do mundo além da Europa e do Mediterrâneo.

A obra de Conrad Gessner (1516-1565) *História Animalium*, é considerada a primeira descrição zoológica moderna, e em suas páginas fica ainda evidente a persistência do formato dos bestiários. Outro contemporâneo de Thevet e Léry, Edward Topsell escreveu *The History of Four-Footed Beasts and Serpents and Insects*, em que aparece um hipopótamo carnívoro e uma Mantichora.

Esse é o universo da França Antártica, e nesse contexto se produzem as primeiras descrições da fauna e da flora da Baía de Guanabara no litoral do atual Rio de Janeiro.

A FAUNA E A FLORA DA BAIÁ DE GUANABARA

Em todos os relatos de viagem do século XVI há a descrição de plantas e animais que indicam a proximidade de terra firme, como acontece nos diários de Colombo. Antes mesmo de chegar no litoral, Léry e Thevet já descrevem os animais marinhos que avistam.

Os peixes, Thevet afirma que existem às centenas, em grande fartura “*não é possível contá-los, nem mesmo tentando calcular a sua quantidade do mesmo modo como se procede com relação ao trigo empilhado em um celeiro.*”¹⁵ Os marsuínos, ou toninhas foram avistadas por Thevet em toda a viagem, seguindo os barcos e indicando a direção

¹⁴ Prinotrop, 2012.

¹⁵ Thevet, 1978:75.

dos ventos. Léry, também faz referência aos cetáceos, no caso os golfinhos¹⁶. Léry fica espantado por encontrar filhotes no ventre dos golfinhos, como se fossem porcos, e não peixes. “*como no ventre de alguns desses peixes acharam-se filhotes¹⁷, que assamos como leitão, creio que os golfinhos geram fetos como as porcas e não os reproduzem por meio de ovos como quase todos os outros peixes.*”¹⁸

Ambos citam peixes dourados, albacoras (*Thunnus albacares*), bonitos (*Sarda sarda*) e peixes voadores, muito comuns nas costas brasileiras.

Ao chegar na fortificação em que se encontrava Villegagnon, Jean de Léry narra a divergência religiosa e depois descreve baleias e a vastidão de peixes do litoral carioca e da Baía de Guanabara. Curiosamente Léry descreve a baleia¹⁹ como um animal horrendo e narra o caso de uma que encalhou após chegar muito próxima a uma praia²⁰. Provavelmente se tratava de baleias jubarte (*Megaptera novaeangliae*) muito comuns no litoral carioca e parte do cotidiano da cidade até hoje.

Talvez o mais monstruoso dos animais marinhos seja o tubarão martelo, que Thevet descreve assim:

Este peixe possui seis fendas estreitas de cada lado da goela, dispostas do mesmo modo como as da lampreia. A cabeça é tal qual se vê representada na gravura. Os olhos ficam quase nas extremidades da cabeça, a um pé e meio de distância um do outro. Trata-se de um peixe bastante raro²¹.

16 Léry, 1980:70.

17 “Antes de Aristóteles, os golfinhos e as baleias eram considerados como semelhantes aos tubarões e descritos como peixes. Aristóteles estabeleceu claramente que eles eram mamíferos, se reproduziam de forma vivípara e respiravam: O golfinho, a baleia e todos os demais cetáceos, ou seja, todos os que possuem um respiradouro em vez de guelras, são vivíparos. Quer dizer, nenhum desses animais jamais é encontrado com ovos, mas diretamente com embriões a partir de cuja diferenciação surge o animal, como no caso dos homens e dos quadrúpedes vivíparos. [...] Todas as criaturas que possuem um respiradouro inspiram e expiram, pois possuem pulmões. Já foram observados golfinhos dormindo com o nariz acima da água, e quando adormecidos eles roncam. O golfinho e a toninha possuem leite e amamentam seus filhotes. [...] O período de gestação [dos golfinhos] é de dez meses. Seus filhotes nascem no verão, nunca em outra estação. Seus filhotes acompanham as mães durante um período considerável. Vivem durante muitos anos e sabe-se de alguns que viveram mais do que 25 e alguns até 30 anos. Os pescadores algumas vezes fazem entalhes em suas caudas e os soltam no mar e dessa forma se determinam suas idades.” (Aristóteles, *Historia Animalium*, livro 6, cap. 12:2-26) [Trecho retirado de Martins, Roberto de Andrade & Martins Lilian Al-Chueyr Pereira.]

18 Léry, 1980:70.

19 Segundo Bruno Martins Boto Leite, na época moderna, a palavra “peixe” parecia significar simplesmente todo animal que vivesse na água. “*Os naturalistas Guillaume de Rondelet (1507-1566), Ippolito Salviani (1514-1572) e Pierre Belon du Mans (1517-1564), grandes estudiosos dos animais marinhos, tratavam vários tipos de animais sob a categoria “peixe” pelo fato de habitarem na água, corroborando a ideia de que o termo, na época, representava todo tipo de animal marinho*” (Leite, Bruno Martins Boto. “Animalia exotica & mirabilia. Os animais brasileiros na cultura europeia da época moderna de Thevet a Redi.”, Kury, Lorelai (Org.). *Representações da fauna no Brasil: séculos XVI-XX*. Rio de Janeiro, Andrea Jakobsson Editora, 2014, pp. 40-81.

20 Léry, 1980: 110.

21 Thevet, 1978: 109.



Imagem retirada da obra de Jean de Lery, 1980: 197.

Após uma descrição inicial dos tupinambá, o qual não aprofundaremos aqui, Léry segue descrevendo o jenipapo para pintar o corpo²², da mesma maneira que Thevet²³. Em seu trabalho “corretivo” da obra de Thevet, Léry acabou reproduzindo muitos relatos e a própria estrutura narrativa da obra do seu desafeto católico.

A FANTÁSTICA FLORA E FAUNA DA FRANÇA ANTÁRTICA

A humanidade ficou separada por pelo menos cerca de 10 mil anos, entre América, Ásia-África-Europa e Oceania. Os mais básicos cereais e animais domésticos eram desconhecidos entre os conjuntos continentais. Diversos animais haviam se desenvolvido de forma completamente diferente nessas diversas partes do globo, e muitos animais e plantas, hoje muito comuns no mundo eram absolutamente desconhecidos para os franceses. Uma das plantas mais importantes das populações americanas, o milho, em língua tupi, *avati*, terá muita importância na alimentação mundial e os próprios franceses conheciam ainda pouco. A planta que mais lhes chamou a atenção foi a mandioca, alimento mais importante da dieta tupi. Em sua descrição, Léry começou fazendo referência a dieta europeia (nesse período ainda limitada, sem alguns gêneros que eram conhecidos e cultivados na América) que estava centrada no pão, laticínios e no vinho. “Cumpre notar, antes de mais nada, que embora não tenha trigo nem vinhas nas suas terras tratam-se bem conforme pude ver e experimentar”²⁴

Segundo Léry tem duas espécies de raízes: *aypi* e *maniot*, nomes que podem ser

22 Léry, 1980: 114.

23 1979: 109.

24 Léry, 1980: 115.

associados as palavras aipim e mandioca. Essa diferença está relacionada a mandioca-brava, usada para fazer a farinha, que não pode ser consumida cozida, devido ao teor de ácido cianídrico e a mandioca de mesa, consumida cozida.²⁵

A mandioca é tão importante que Léry associará o cheiro desse amido com as habitações indígenas. E passa a descrever o processo de produção do mingau, da farinha e de como os indígenas comem com a mão com muita destreza e sem se sujar.²⁶ Léry descreve a experiência de terem tentado plantar trigo, centeio e uva no Brasil, sem sucesso, embora acredite que seja possível colher algo em um futuro. Segundo Léry, a terra das Índias Ocidentais era muito forte, ao contrário da Europa, e devia-se cansá-la, para que os frutos europeus pudessem se desenvolver na América.²⁷

Por se tratar da planta mais importante da cultura tupi, a mandioca não era consumida apenas cozida, mas como farinha, conforme já dito acima, e também como *cauim*, a bebida fermentada e alcoólica que animava as cerimônias indígenas, particularmente os rituais de antropofagia. Todos os cronistas que narraram a vida dos tupinambá fazem referência ao *cauim*. Segundo Antônio Geraldo da Cunha²⁸ a palavra cauim se refere a bebida fermentada de forma geral, podendo ser do milho, mandioca, abacaxi e caju.

Léry teve a preocupação em comparar sua narrativa com as descrições de Gomara²⁹, e identifica a palavra *maiz*, milho em espanhol, com o *avati* dos tupis.

No capítulo 59 de *Singularidades da França Antártica*, Thevet é bem claro quando vai descrever o “pau-brasil, além de numerosas outras árvores que só existem nessa terra.”³⁰ O autor afirma que os portugueses descobriram as possibilidades dessa árvore, que os tupis chamavam de *orabutã* (também grafado como arabutã) *Caesalpinia echinata*, a partir da observação de como os indígenas tingiam as penas que usavam de adorno. A partir dessa descoberta passaram a embarcar grandes quantidades dessa madeira para o mercado têxtil europeu.³¹

Entre as frutas que logo conquistaram o gosto europeu, o abacaxi é muito retratado. Tanto Thevet, quanto Léry exaltam o seu sabor e aparece ilustrado nos livros de sua autoria. O abacaxi já era conhecido desde Colombo³², mas sempre narrado com admiração por cronistas.

A banana tem uma curiosa viagem. Embora não seja nativa da América³³, foi

25 Léry, 1980: 126.

26 Léry, 1980: 126.

27 Léry, 1980: 128

28 1999:108.

29 Gómara, Francisco López de. *Historia General de las Indias*. O texto de Gómara foi elaborado a partir do relato de viajantes que estiveram na América. O autor nunca viajou para a América, embora tenha servido de referência para vários autores que narraram a sua experiência no continente, como Léry, mas também para Garcilaso de La Vega e Bernal Díaz del Castillo. O livro foi publicado pela primeira vez em 1551 em Saragoça e uma edição de 1554 pode ser vista em: <https://gredos.usal.es/jspui/handle/10366/19440>

30 1979, p.195.

31 Thevet, 1979:196.

32 Hue, 2008.

33 “A banana é na verdade originária do sudoeste asiático, e foi trazida ao Brasil, pelos portugueses, das ilhas Canárias. Conhecida na Índia como figo e pelos povos brasileiros como pacova, seu nome hoje mais difundido é provavelmente

introduzida pelos portugueses, com tamanho sucesso que os franceses imaginavam nativas da América, com o nome de Pacova e pacoveira. Thevet dedica o capítulo 33 de *Singularidades da França Antártica* para descreve-la.

A Mata Atlântica possui até hoje uma grande variedade de espécies de pássaros coloridos. Três aves chamaram a atenção dos europeus que chegaram no litoral brasileiro. A primeira ave americana, que logo pareceu com qualidades incomuns, foram os papagaios. Esse animal era muito comum e particularmente algumas espécies tinham a qualidade de imitar a voz humana. Essa habilidade que o tornava o único animal falante não foi descoberta na Baía de Guanabara, mas mobilizou alguns parágrafos para descrever as proezas de um papagaio. O papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*) não era abundante no litoral, mas comum no interior do território brasileiro. A palavra para papagaio em tupi é *ajuruetê*.

Os papagaios nessa terra do Brasil são três ou quatro espécies: Os maiores e mais bonitos, a que os selvagens chamam de ajurús, tem a cabeça rajada de amarelo, vermelho e roxo. (...) pronunciava ela tão perfeitamente as palavras da língua selvagem e da francesa, que não era possível distinguir a sua voz da de um homem.³⁴

Outro psitacídeo presente na narrativa de Léry e Thevet é a arara, genericamente denominada de *ará* e especialmente a arara-canindé (*Ara ararauna*). Thevet percebe que araras e papagaios têm semelhança. Os tucanos pareceram bastante diferentes para os europeus, principalmente por causa do bico desproporcional, como também pelo interesse dos indígenas pelas penas.

Em relação ao tucano, o texto de Thevet³⁵ revela uma coisa importante sobre a visão europeia acerca dos tupinambá. Diversos relatos europeus falam sobre a inocência comercial dos americanos. Para o europeu criado em um sistema mercantil, em que parte da vida dependia de um sistema de trocas de mercadorias e pressupunha um valor de equidade entre os produtos, o interesse dos indígenas por coisas baratas no mercado europeu soavam como inocência, estupidez e barbárie. Do mesmo modo que a crença liberal na natureza do espírito mercantil humano nos leva a buscar moedas de troca em toda a história humana, Thevet também ressalta o papel das penas como moeda de troca dos tupinambá. Evidentemente as penas não tinham valor mercantil e não serviam como moeda ou como um equivalente universal, eram parte de um sistema de redistribuição não comercial de objetos entre populações de ecossistemas diferentes.

As galinhas, que não existiam na América, mas foram rapidamente introduzidas pelos portugueses, foram criadas pelos tupis, principalmente entre os tupis que mantinham contato com europeus, já que serviam na troca com as embarcações que se aproximavam

de origem africana. Um de seus nomes científicos é *Musa paradisiaca*, devido ao termo com que os árabes a denominavam: *musa*, ou *amusa*," (Hue, 2008.)

34 Léry, 1980: 150.

35 1978, p.153.

para reabastecer.³⁶ Léry se surpreende ao reparar que os indígenas não se alimentavam das galinhas e que viviam soltas entre os tupinambá.

Antes de mais nada direi que eles [os Tupinambá] possuem em grande abundância essas galinhas grandes, ditas da Índia e que eles denominam arinhan-assú; os portugueses introduziram no país as galinhas comuns, antes desconhecidas e a que os selvagens chamam arinhan-mirim. Como já disse, embora apreciem as galinhas brancas, por causa das penas que tingem de vermelho e com as quais se enfeitam, não as comem. E como pensam que os ovos, arinhan-ropiá são venenosos, não só ficavam muito admirados em nos ver sorvê-los, mas ainda diziam que por falta de paciência para deixá-los chocar praticávamos a gulodice de comer uma galinha inteira num ovo. Não dão importância as suas galinhas, tal qual se tratasse de aves silvestres; deixam-nas andar por onde querem e elas chocam nos matos e moitas de sorte que as mulheres selvagens não têm o trabalho de criar os pintos com gema de ovo como se faz entre nós. E as galinhas se multiplicam entretanto de tal forma nesse país que há localidades ou aldeias pouco frequentadas pelos estrangeiros, onde, por uma faca do valor de um carolus [moeda antiga] se tem uma galinha da Índia; e por uma de dois liards [moeda antiga], ou por cinco ou seis anzóis se obtêm três a quatro galinhas pequenas comuns.^{37 38}

O interesse dos indígenas pelas penas chamou a atenção dos franceses, e inclusive imaginavam poder encontrar avestruzes no interior, já que observaram grandes penas entre os tupinambá. Provavelmente tratavam-se de penas de ema (*Rhea americana*), um animal que na língua tupi costuma ser denominado como *nhandu*, e não era encontrado na Baía de Guanabara.

Léry, começa o capítulo X afirmando não existir “*no Brasil nenhum quadrupede em tudo e por tudo semelhante aos nosso*”³⁹ E não tinha também animais domésticos para alimentação. O animal maior que os tupinambá consumiam era a anta, o *tapirussu*. Vacas e cavalos serão batizados em tupi com o prefixo de tapir, sempre em referência à anta. Da mesma maneira que os cronistas europeus associavam os novos animais aos conhecidos na Europa, os tupis rebatizavam os novos seres adaptando seu significado em sua cosmovisão, como aconteceu com a galinha, conforme narrado por Léry mais acima.

Todos os cronistas citam a importância da anta como fonte de alimentação, geralmente comparando com a carne de vaca. Léry descreve o processo de alimentação dos indígenas, e tenta encontrar semelhanças entre a anta e o boi, como uma mescla de um asno.

O primeiro e mais comum é o tapiruçu de pêlo avermelhado e assaz comprido, do tamanho mais ou menos de uma vaca, mas sem chifres, com pescoço

36 “Os selvagens não criam, em torno de casa, animais domésticos, a não ser algumas galinhas; mas estas aves são assim mesmo raras e só existem em certos lugares, trazidas pelos portugueses (pois antes não tinham dellas nenhum conhecimento). Todavia, não dão muito apreço a essas criações, pois, por uma faquinha de nada, quem quiser pode obter duas das aves. E de modo algum as comem as mulheres, mostrando até desagrado quando vêem os franceses servir-se, nas refeições, de quatro ou cinco ovos (que chamam *arignane*), pois dizem que cada ovo corresponde a uma galinha, isto é, alimento suficiente para satisfazer a dois homens.” (Thevet 1944 [1556], pp. 266-267)

37 Uma característica comum nas sociedades americanas é o repúdio a alimentação exagerada.

38 Léry, 1980:147-148.

39 1980:135.

mais curto, orelhas mais longas e pendentes, pernas mais finas e pé inteiriço com forma de casco de asno. Pode-se dizer que, participando de um e outro animal, é semivaca e semiasno. Difere entretanto de ambos pela cauda, que é muito curta (há aqui na América inúmeros animais sem cauda), pelos dentes que são cortantes e aguçados; não é entretanto animal perigoso, pois se defende fugindo.⁴⁰

Além da anta, Léry descreve veados, catetos, porco do mato, e em meio a descrição do moquém – a grelha feita de madeira que os tupis usam para assar e até para salgar e secar carne –, ele fez referência à antropofagia, em meio a descrição dos animais.

Em suma, esses moquéns (boucan) lhes servem de salgadeira, aparador e guarda-comida; entretanto em suas aldeias vemo-lo sempre carregados não só de veações ou peixes mas ainda de coxas, braços, pernas e postas de carne humana dos prisioneiros que matam e costumam comer, como veremos adiante.⁴¹

E Thevet, além de descrever o sabor da carne de anta, ressalta a importância da pele desse animal para se construir escudos. Léry cita o couro de anta dos escudos como fonte de alimento no navio que o levou de volta para a Europa. Após um momento de fome tiveram que comer os papagaios e os macacos que levavam, além de cozinharem o couro de anta dos escudos.

Além do impacto da antropofagia em meio as descrições da fauna, a narração do que viam podiam sugerir coisas completamente diferentes e até monstruosas. A descrição do peixe-boi (*Trichechus manatus*), por exemplo:

O aspecto deste peixe lembra um odre de couro de bode ou de cabra cheio de azeite ou vinho. Saem-lhe da altura do ombro duas patas que ele utiliza para nadar. A partir do umbigo, seu corpo vai afinando em direção à cauda. Sua cabeça lembra a de um boi, se bem que a cara seja um pouco mais delgada e o queixo mais carnudo e volumoso. Para um corpo medindo 10 pés de largura e 20 de comprimento, seus olhos são bem pequeninos. A pele é cinzenta e coberta de pelos tão grossos como os de boi. Por fim, as patas inferiores lembram as do elefante, redondas, cada uma apresentando quatro unhas muito compridas. É o peixe mais disforme que já se viu por essas bandas, mas sua carne é muito saborosa, se bem que não tenha gosto de peixe: lembra antes veação.⁴²

Os macacos foram vastamente descritos por cronistas. Para Léry, o pequeno sagui, era o animal mais lindo que ele havia visto na vida.⁴³ Essa alternância entre beleza e monstruosidade é parte da estratégia narrativa do autor, passando uma aparência de sensatez e veracidade no seu relato. Como um texto que procura retratar uma batalha e ao invés de citar 1000 homens, prefere se referir a 954, embora seja insignificante e até improvável a precisão dos dados, a alternância reforça a ideia de diversidade no relato.

Thevet fica bastante impressionado com o bicho-preguiça, chegando até a fazer

40 Léry, 1980:135

41 Léry, 1980:136-137.

42 Thevet, 1978:231

43 1980: 142

uma introdução inusitada antes de explicar o animal.

Aristóteles e outros que lhe seguiram esforçaram-se o mais que puderam para desvendar a natureza dos animais, árvores, ervas, etc. Entretanto, pelo que se deduz de seus escritos, não é de se acreditar que tenham tido conhecimento da França Antártica ou América. (...) mas vamos diretamente ao que interessa, ou seja, à descrição de um animal que é o mais disforme que se possa imaginar. Quem nunca o viu, certamente achará esta descrição inacreditável. A este animal, chamam os selvagens de aí ou aiti. É do tamanho de um mono africano adulto, apresentando uma barriga tão grande que chega quase a se arrastar no chão. A cabeça lembra a de uma criança, assim como também a cara, conforme pode ser visto na gravura tirada do animal. Quando preso, fica suspirando como uma criança que sente dores. Sua pele é cinzenta e felpuda como a de um ursinho. Tem patas compridas, cada uma com quatro dedos, três dos quais com unhas parecendo grandes espinhas de carpa, com as quais trepa em árvores onde fica por mais tempo do que em terra. Quase não tem pelos na cauda, que mede três dedos de comprimento. (Eis algumas admiráveis obras da Natureza, que parece sentir prazer em criar coisas grandiosas e variadas, para as quais o homem não encontra explicações"⁴⁴

Para Léry⁴⁵ a preguiça também foi vista como um dos animais extraordinários e singulares, grafado como hay, é *“do tamanho de um cão d’água e sua cara de bugio se assemelha a um rosto humano; tem um ventre pendurado como o da porca prenhe, o pêlo pardo-escuro como a lã do carneiro preto”* Depois Léry repete as informações de Thevet, sobre a possibilidade de que a preguiça não se alimente e de que os indígenas preferiam não ter contato com ele, já que as garras do animal podem ferir o corpo nu.

⁴⁴ Thevet, 1979:170.

⁴⁵ 1980, p.144

de l'homme, depuis qu'elle est apprivoisée, veu que à tous coups elle se iette sur vos espauls, comme si son naturel ne desiroit autre chose que le haut: mais ses caresses ne plaisent point aux Sauvages, à cause que eux estans tous nuds, ils ne scauroyent souffrir les ongles du Haut, qui sont autant ou plus trenchantes que



Haut
qui
ven

A preguiça que aparece ilustrada na obra de Thevet⁴⁶ vai inspirar diversos outros desenhos que aparecerão posteriormente, e vão alimentar o imaginário europeu sobre a fauna americana.

Se a preguiça chamou a atenção de Thevet e Léry, o tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) foi também descrito com termos que inspirariam imagens fantásticas:

Outro animal a que me refiro e ao qual os selvagens chamam de *coati* [Léry confunde os nomes tupi.] é do porte de uma lebre grande, tem o pelo curto, reluzente e mosqueado, orelhas pequenas, erectas, pontudas; a cabeça é pouco volumosa e o focinho, que começa nos olhos, tem mais de um pé de comprimento; redondo como um bastão afina de repente conservando a mesma grossura desde cima até perto da boca, a qual é tão pequena que nela cabe apenas a ponta do dedo mínimo. Não me parece que exista algo mais extravagante ou monstruoso do que esse focinho semelhante a um

46 Thevet, André, *Cosmographie universelle*, Paris: Pierre l'Hulier, 1575: 941, disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b2000115n/f109.item>

canudo de gaita de foles. Quando apanhado, conserva os quatro pés juntos, caindo sempre para um ou para outro lado ou se esparramando no chão, de sorte que ninguém pode mantê-lo de pé; só se alimenta de formigas.⁴⁷

Tanto os tamanduás, quanto as preguiças são animais da ordem Pilosa, endêmica da América e sem similares em outros continentes. Além desses dois animais, em uma classificação mais extensa, podem ser incluídos na superordem Xenarthra, onde estão os tatus, também endêmicos da América.

Segundo o dicionário organizado por Papavero⁴⁸, há registros do tamanduás-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) em fontes portuguesas, como em Anchieta e Gândavo, mesmo antes da publicação da obra de Léry, enquanto que a preguiça foi descrita pela primeira vez por Thevet.⁴⁹

Os gambás tem no nome de origem tupi a sua característica morfológica mais importante, a “bolsa”, o marsúpio onde carrega os filhotes e testemunha seu parentesco evolutivo com os cangurus australianos. Mais que qualquer outro animal, esse marsupial é genuinamente americano.

Esses animais são representados de diversas formas nas culturas nativas americanas. Pela dificuldade em acessar o universo cosmogônico de sociedades extintas ágrafas, uma forma que podemos buscar o significado de alguns animais entre os povos americanos anteriores ao século XVI estão na mesoamérica, já que é o lugar do continente em que existem fontes escritas anteriores à chegada dos europeus. O nome nahua para o gambá é *tlacuache*, e esse animal possui uma importância significativa, associada a adaptação, a esperteza e a “malandragem”. Austin⁵⁰ em *Los mitos del Tlacuache* tenta decifrar o significado desse animal para as culturas mesoamericanas.

Segundo Max Guedes⁵¹ o primeiro animal do atual território brasileiro encontrado por um português seria uma fêmea de gambá (*Didelphis marsupialis*) e foi descrito de forma horrenda por Pedro Martyr na foz do Rio Amazonas: “*um animal monstruoso, com cara de raposa, rabo de macaco, orelhas de morcego, mãos humanas e pés como de macaca*”⁵²

Nos relatos sobre os tupinambá, os gambás (sariguá ou saruê no tupi da Baía de Guanabara) aparecem apenas como caça e pelo hábito de comerem as galinhas domésticas e possuírem mau-cheiro, sem que nos deem notícia de um significado mais importante.

Existe outro animal do feitio de uma doninha e de pelo pardacento, ao qual os selvagens chamam sariguá; tem mau cheiro, e não o comem os índios de boa vontade. Esfolamos alguns desses animais verificando estar na gordura dos rins o mau odor; tirando-lhes essa víscera a carne é tenra e boa.⁵³

47 Léry, 1980:145

48 2014.

49 Papavero, 2014: 257

50 1996.

51 Apud Hue, 2008

52 Maryr, 1500 apud, Hue, 2008

53 Léry, 1980

Um animal que despertou o relato de Léry e Thevet em relação a sua representatividade na cosmovisão tupi foi a onça-pintada, muitas vezes referida como jaguar. Esse animal está presente em muitas narrativas em toda a América, é o maior felino americano, e o maior predador. Na mesoamérica, Enrique Florescano nos dá notícia de que as referências à onça estão associadas ao Estado, ao poder político, desde os olmecas e suas cabeças colossais, até teotihuacanos do período clássico e mexicas e mixtecos do pós-clássico.⁵⁴

Estudos etnográficos atuais não são fontes históricas para populações do século XVI, já que não há uma garantia de vínculo entre populações originárias do século XVI e populações indígenas, mesmo isoladas, no século XXI. A etnografia é uma fonte, portanto, muito limitada para a História, nos servindo apenas de inspiração e reflexão acerca de outras possibilidades não ocidentais de cosmovisão.

Conforme nos apresenta Adone Agnolin em uma análise da antropofagia ritual entre os tupinambá, citando a cultura xerente “a onça aparece como oposição ao tamanduá, sendo o tamanduá solitário, assexuado, relacionado a velhice e a imortalidade, enquanto a onça aparece como um animal carnívoro, faminto, sexualmente ativo e social.”⁵⁵

A cultura xerente escolheu, portanto, explicitamente entre um *aut-aut*: “quem deseja ser um grande caçador, provido de bom apetite, sexuado e social tem que renunciar à longa vida (se não à imortalidade) tranquila do tamanduá”⁵⁶

A onça aparece nas descrições de quase todos os cronistas, e na descrição de Thevet, como um animal particular, pois é o topo da cadeia alimentar, o predador americano por excelência e uma ameaça real para os humanos. Diversos estudos antropológicos sobre o papel da onça na sociedade tupinambá nos sugerem uma particular interação com esse animal.

Léry descreve a onça denominando esse animal com o nome tupi, lan-u-are, ou Jaguar, e acredita ser parecido a uma onça, nome grego para os leopardos da Eurásia.⁵⁷

Os selvagens temem essa fera, pois vive de presa, como o leão e quando pode agarrar algum índio o mata, despedaça e devora. E como os selvagens são cruéis e vingativos contra tudo o que os prejudica, quando pilham em suas armadilhas uma dessas feras, o que não é raro conseguem, flecham-na e a golpeiam e a deixam nos fossos durante muito tempo antes de acabar de matá-la.⁵⁸

Além dessa relação conflituosa, a cosmovisão indígena parece estabelecer uma relação de proximidade e respeito com a onça, destacando-a de todo o resto da fauna. Thevet relata essa relação, e algo parecido pode ser encontrado no texto de Hans Staden ao descrever o ritual antropofágico dos tupinambá e o significado da onça.⁵⁹

54 Florescano, 2012.

55 Agnolin, 2002.

56 Agnolin, 2002:295.

57 Essa menção à onça é curiosa, já que embora em diversos idiomas, inclusive em português europeu, se utilize a palavra tupi jaguar para se referir a onça-pintada, no Brasil, o lugar de origem, tenha prevalecido o nome grego.

58 Léry, 1980:142

59 Em uma passagem famosa de Hans Staden, Cunhambebe, o líder tupinambá, afirma ser onça. Há diversas interpre-

Encontra-se aí onças, que são os animais mais perigosos desse país, porque fazem guerra aos animais e aos homens (...) matam-no a flechadas e, depois de cortar a árvore, a presa é levada até o centro da aldeia, onde as mulheres adornam com enfeites de penas de todas as cores (como fazem com um prisioneiro quando vai ser comido), colocando-lhe braceletes nos braços, e mantendo o animal sentado. E lamentam-no dizendo em sua língua, “peço-te que não te vingues de nossas criancinhas por teres sido aprisionado e morto por sua ignorância, pois não fomos nós que te enganamos, e sim tu mesmo” (...) feito isso os velhos o esfolam e reservam apenas o couro.⁶⁰

Do mesmo modo, Hans Staden descreve o ritual antropofágico com uma parte em que a onça aparece como um animal particular, carnívoro, e diferente dos prisioneiros, que não poderá ser comido.

Na cosmovisão tupi, ao se alimentar de um determinado ser, características da presa se transferem para o predador. Por isso não se alimentavam de preguiças ou tartarugas, pois ficariam lentos como o animal. As onças eram uma exceção, pois embora as admirasse, não as comiam. Se transformavam em jaguar ao assumir seu papel de caçador e comedores de gente. Essa é uma das interpretações das mais aceitas acerca da relação entre tupis e onças.⁶¹

Os morcegos estão descritos no mesmo capítulos que outros animais voadores, como as abelhas. Os morcegos com os quais os tupinambá conviviam eram hematófagos, e costumavam morder os indígenas à noite. Até hoje, em algumas regiões rurais do Brasil há relatos de mordidas noturnas desse mamífero alado em pessoas. A saliva do morcego possui uma substância anestésica que permite ao animal se alimentar do sangue das vítimas sem que elas percebam. Assim a vítima dos morcegos hematófagos só percebe o ocorrido pela manhã seguinte. Léry descreve essa experiência que deve ter parecido horrível para o leitor europeu, e até hoje essas histórias animam mitos contemporâneos. *“Entram dentro das casas e se encontram alguém dormindo com o pé descoberto atacam logo o dedão e sugam não raro um púcaro de sangue sem que a vítima o perceba”*⁶²

Outra descrição que deve ter causado arrepios nos leitores europeus foi o nosso conhecido bicho-de-pé, *iu*, na descrição de Léry. *“Os selvagens também são perseguidos pelo iú, pequenos insetos que vivem na terra e são maiores do que as pulgas. Entretanto, depois que penetram na carne, em geral sob as unhas do pé e da mão, provocam forte comichão e faz mister extirpa-los imediatamente (...) Assim, por mais cauteloso que eu fosse, não consegui evita-los e tiraram-me certo dia mais de vinte de diversas partes do corpo.”*⁶³

tações sobre esse diálogo, mas é evidente que a onça é vista como um animal particular, temido, carnívoro e predador. “Nesse entretempo, Cunhambebe tinha diante de si um grande cesto cheio de carne humana. Comia de uma perna, segurou-a frente à minha boca e perguntou se eu também queria comer. Respondi: “Um animal irracional não come um outro igual a si, e um homem deveria comer um outro homem?”. Então ele mordeu e disse: “Jauára ichê. Sou uma onça. É gostoso.” E afastei-me (Staden, 2009:99)

60 Staden, 2009:99

61 Agnolin, 2002

62 Léry, 1980:154.

63 Léry, 180:155.

Crocodilos eram conhecidos pelos europeus, já que havia esse animal no Rio Nilo e Léry cita esses crocodilos para descrever o jacaré, tão comum no atual território brasileiro. Ainda mais impressionante parece a descrição dos Teiú (répteis do gênero *Tupinambis*):

De repente, a trinta passos de distância, à direita, vimos na encosta da montanha um enorme lagarto maior que um homem e com um comprimento de seis a sete pés. Parecia revestido de escamas esbranquiçadas, ásperas e escabrosas como cascas de ostras; ergueu uma pata dianteira e com a cabeça levantada e os olhos cintilantes encarou-nos fixamente. Como nenhum de nós trazia um arcabuz ou pistola, mas somente espadas e arcos e flechas nas mãos, armas inúteis contra animal tão bem armado, ficamos quedos, imóveis, pois temíamos que, fugindo, o bruto viesse contra nós e nos devorasse.⁶⁴

Ao abordar as descrições dos primeiros europeus que tiveram contato com a fauna e a flora da Mata Atlântica do atual Brasil, podemos imaginar não apenas o sentido de surpresa, mas como essas novidades poderiam ter impulsionado o sentido da penetração europeia e da constituição do imaginário acerca do Novo Mundo e seus habitantes. Esse foi sempre o que fascinou os historiadores que se debruçaram sobre essas fontes quinhentistas.

O FANTÁSTICO REAL E O REAL FANTÁSTICO

(...) Para um menino que é levado ao zoológico pela primeira vez. (...) E esse menino poderá ser qualquer um de nós, ou inversamente, nós temos sido esse menino e o esquecemos. Nesse jardim, nesse terrível jardim, o menino vê animais viventes que nunca viu; vê onças, abutres, bisões e, o que é mais estranho, girafas. Vê pela primeira vez a desatinada variedade do reino animal, e esse espetáculo, que poderia alarmá-lo ou horrorizá-lo, o agrada. Agrada tanto que ir ao jardim zoológico é uma diversão infantil, ou pode perecer. (...) Passemos, agora, do jardim zoológico da realidade, ao jardim zoológico das mitologias, ao jardim zoológico cuja a fauna não é de leões, senão de esfinges e de grifos, e de centauros. (...) Ignoramos o sentido do dragão, como ignoramos o sentido do universo, mas existe algo em sua imagem que concorda com a imaginação dos homens e assim o dragão surge em distintas latitudes e idades. É, por assim dizer, um monstro necessário⁶⁵

Conseguir apreender esse sentido de surpresa dos primeiros europeus no novo mundo é tarefa difícil. Estamos tão impregnados de nossa realidade que temos dificuldade de entender a forma com que esses europeus entendiam o mundo a sua volta.

A descrição dos animais por europeus no século XVI misturava lendas e fantasias. Quase todos os cronistas descrevem ter encontrado animais e populações míticas. Cristóvão Colombo, por exemplo, diz ter visto sereias. O relato de Gomara, que Léry leu, encontrou lagartos de duas caldas no Novo Mundo. Outros relatam terem encontrado dragões ou

⁶⁴ Léry, 1980:140.

⁶⁵ Borges, 1957.

outros animais diferentes. Las Casas e Vespúcio falam das iguanas assustadoras.⁶⁶

O europeu do século XVI não conhecia a imagem dos animais que convivemos desde crianças. Elefantes, leões, tigres e girafas estavam representados com desenhos monstruosos em bestiários medievais, ao lado de grifos, gigantes e monstros marinhos. Os mapas do século XVII ainda retratavam esses seres mitológicos. Um rinoceronte é tão ou mais fantástico para os europeus do século XVI que uma sereia, ou um ciclope.

A preguiça ou mesmo um papagaio falante não seria uma descoberta fantástica? Para nós que já conhecemos os animais da Mata Atlântica, pode parecer que a realidade da fauna e da flora tenha diminuído o entusiasmo pelos seres fantásticos, mas podemos, ao contrário, imaginar que ao menos por um tempo, a diversidade americana alimentou e reeditou mitos da antiguidade e da Idade Média.

Os animais ajudavam a revelar o oculto, o misterioso da obra de deus, e também o caminho das recompensas, como o ouro. Os animais fantásticos, reais ou imaginários serviram de combustível para novas lendas, com recheio de antigas, animadas por gravuras, relatos e descrições. Para os contemporâneos de Thevet e Léry a fauna e a flora do Novo Mundo era tão fantástica e surpreendente como os animais mitológicos ou descritos em bestiários medievais.

Finalmente, podemos afirmar que ao contrário do que imediatamente possa parecer, o contato pessoal com a América e a produção de textos como o de Thevet e Léry, não significaram um início da racionalização que impedisse ou estivesse em um sentido contrário à proliferação de lendas, como o próprio Léry propôs, mas ao contrário, alimentou e deu novos elementos para outros mitos e lendas sobre animais fantásticos. Se animais como o dragão, as sereias e os unicórnios são narrados nos textos antigos e em bestiários da Idade Média, ao contrário de comprovar a sua inexistência, o contato com a América fortaleceu a possibilidade de que esses animais existissem em alguma parte do continente, já que as “singularidades” encontradas na América estão longe de serem menos impactantes e fantásticas. Tubarões martelo, jacarés e cobras, morcegos que se alimentam do sangue humano, macacos com grandes unhas e cara de gente e que não se alimenta (bicho-preguiça), onça que come gente, peixes-voadores, bicho do pé, tamanduás, tucanos, araras, tatús, beija-flores e saguis pareceram, junto com enormes árvores, mandiocas, cajus, milho e pássaros que falam, uma terra de coisas fantásticas nunca antes vista, e tudo isso em uma terra de canibais que andam nus e ignoram o valor do ouro e da prata.

REFERÊNCIAS

Abreu, Capistrano de. **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1988

⁶⁶ Magasich-Airola, 2000

- Agnolin, Adone. "Antropofagia ritual e identidade cultural entre os Tupinambá", **Revista de Antropologia**, vol.45, no1, São Paulo, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012002000100005
- Aristóteles. **História dos Animais**, 2 volumes, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2006.
- Austin, Alfredo Lopez. **Los mitos del tlacuache**. *Caminos de la mitología mesoamericana*, México, Unam, 1996
- Belluzzo, Ana Maria de Moraes. **Imaginário do Novo Mundo**, Rio de Janeiro: Metalivros, 1994.
- Belluzzo, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos Viajantes**, Rio de Janeiro: Metalivros, 1999.
- Billé, Philippe. "La Faune brésilienne dans le livro da Nau Bretoa (1511)" **Quadrant** n°19-20, Montpellier, 2002-2003, p.253-260.
- Bille, Philippe. **La faune brésilienne dans les écrits documentaires du XVIe**, Paris: Honoré Champion, 2009.
- Borges, Jorge Luis e Guerrero, Margarita. **Manual de zoologia fantástica**, México: FCE, 1957.
- Cardim, Fernão. **Tratados da Terra e gente do Brasil**, São Paulo, Hedra, 2009
- Cardoso, Anibal. "La ornitologia fantástica de los conquistadores", **Homero**, n°3, Buenos Aires, 1918: 153-160.
- Clastres, Pierre. **A sociedade contra do Estado**, Edição digital, Sabotagem, 1974.
- Colombo, Cristóvão. **Diários da Descoberta, as quatro viagens e o testamento**, Porto Alegre, L&PM, 1998.
- Cunha, Antônio Geraldo da. **Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi**, Brasília, Unb, 1999.
- Eco, Umberto. **História da Beleza**. Rio de Janeiro: São Paulo, Record, 2004.
- _____. **História da Feiura**. Rio de Janeiro: São Paulo, Record, 2007.
- Enders, Armelle. **A História do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Gryphus, 2004.
- Fausto, Carlos. **Os Índios Antes do Brasil**, Rio de Janeiro, Zahar, 2000.
- Fernandes, Florestan. **A Organização Social dos Tupinambá**, São Paulo, HUCITEC, 1989.
- Ferronha, Antonio Luís; Bettencourt, Mariana; Loureiro, Rui. **Fauna Exótica do Descobrimento**, Lisboa: ELO, 1993

Florescano, Enrique. "Los olmecas: el primer reino de Mesoamérica", **Revista de La Historia de México**, nº 38, México, 2007.

Florescano, Enrique. **Quetzalcoátl y los mitos de mesoamerica**, México, Taurus, 2012.

França, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil no pensamento europeu dos séculos XVI, XVII e XVIII**. *Acervo (Rio de Janeiro)*, v. 24, p. 7-24, 2011.

França, Jean Marcel Carvalho. **A França Antártica e a criação de padrões narrativos sobre o Brasil e os brasileiros**. *História*, v. 27, p. 15-27, 2008.

Hemming, John. "Los indios del Brasil en 1500" In: Bethell, Leslie (Org.). **Historia de América Latina**. T.1. Barcelona, Crítica, 1991.

Holanda. Sérgio Buarque de. **Caminhos e fronteiras**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

Hue, Sheila Moura. **As delícias do descobrimento: A gastronomia brasileira no século XVI**, Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

Léry, Jean de. **Viagem a Terra do Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1980.

Lestringant, Frank. **A Oficina do Cosmógrafo ou A Imagem do Mundo no Renascimento**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

Magasich-Airola, Jorge e Beer, Jean-Marc de. **América Mágica: Quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o Paraíso**, São Paulo, Paz e Terra, 2000.

Martins, Roberto de Andrade. "Descrições de aves: uma comparação entre Aristóteles e Plínio, o Velho." In; Prestes, Maria Elice Brzezinski; Martins, Lilian Al-Chueyr Pereira; Stefano, Waldir (eds.). **Filosofia e História da Biologia 1**. São Paulo, Fundo Mackenzie de Pesquisa, 2006. pp. 297-323

Papavero, Nelson e Teixeira, Dante Martins. **Zoonímia tupi nos escritos quinhentistas europeus**, São Paulo, FFLCH, 2014.

Povo Brasileiro, Seriado em 10 episódios baseados na obra de Darcy Ribeiro. Direção: Isa Grinspum Ferraz, colorido, 280 min. Co-produção, TV cultura, GNT e Fundar, 2005.

Prous, André. **O Brasil Antes Dos Brasileiros: A Pré-História do Nosso País**, São Paulo, Jorge Zahar, 2006.

Sousa, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**, São Paulo, Editora Nacional, 1987.

Staden, Hans. **Duas Viagens ao Brasil**, Porto Alegre, L&PM, 2009

Taunay, Afonso de E. **Zoologia Fantástica do Brasil**, São Paulo, Edusp, 1999.

Thevet, André. **A Cosmografia Universal de André Thevet, Cosmógrafo do Rei**. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2009.

Thevet, André. **Singularidades da França Antártica, a que outros chamam de América**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

Thevet, André. **Singularidades da França Antártica**, Belo Horizonte, EDUSP/Itatiaia, 1978.

Todorov, Tzvetan. **A Conquista da América, a questão do outro**, São Paulo, Martins Fontes, 2014.

Tuaunay, Affonso de Escragnole. **Visitantes do Brasil colonial: Séculos XVI-XVIII**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938.

Viveiros de Castro, Eduardo. **Araweté, os deuses canibais**, Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

Wehling, Arno. “Os indígenas do Brasil entre a razão de Estado e o Direito Natural: as contribuições de André Thévet e Jean de Léry.” **História [online]**, vol.31, n.2, 2012: 13-25. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742012000200003&script=sci_abstract&tlng=pt

Wilson D.E. e Reeder, D. M. (Eds.) **Mammal Species of the World: A Taxonomic and Geographic Reference**. Baltimore, Johns Hopkins University Press, 2005.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Amazonas 1, 5, 8, 12, 13, 134, 135, 138, 139, 140, 142, 146, 147, 148, 242

Ambivalência 64, 66, 68, 73

América Latina 11, 75, 95, 149, 150, 152, 153, 156, 157, 248

B

Boi-bumbá 1, 2, 4, 7, 8, 9

Brumadinho 37, 38, 39, 40, 43, 45, 46, 48, 50

C

Campo de concentração 100

Cidade 1, 7, 12, 14, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 43, 45, 46, 47, 49, 89, 90, 91, 96, 97, 99, 105, 108, 109, 111, 115, 122, 123, 125, 126, 127, 129, 132, 144, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 172, 173, 174, 175, 219, 228, 234, 252, 258, 272, 274

Clero 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 261, 265, 266, 267

Cobertura 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 68, 71, 101, 106

Coletivos 32, 34, 87, 88, 89, 90, 92, 96, 97, 98, 99, 142

Corinthians 87, 88, 90, 91, 94, 95

Correio Paulistano 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106

Crescimento populacional 23, 24, 170

Crônica esportiva 64, 65, 66, 67, 68, 73

D

Desenvolvimento rural 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157

Designação eletiva 14

E

Educação 1, 14, 20, 37, 39, 45, 48, 49, 68, 82, 92, 99, 103, 107, 108, 110, 111, 112, 114, 116, 117, 118, 149, 150, 151, 154, 155, 156, 157, 176, 177, 178, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 205, 213, 214, 277, 278, 279, 280

Educação patrimonial 39, 107, 108, 110, 111, 112, 114, 116, 117

Emancipação humana 176, 178, 181, 183, 184, 198

Ensino de história 131, 176, 177, 178, 182, 187, 188, 203, 206, 207, 208, 209, 214, 280

Escola pública 176, 178, 183, 186, 187

Escolas práticas de agricultura 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106

Espacio-tiempo 51

F

Facebook 87, 88, 91, 93

FAO 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157

Fundação Palmares 76, 77, 78, 80, 81, 83, 85, 86

Futebol 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 87, 88, 89, 90, 91, 98, 99, 148, 158, 159, 160, 161, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175

G

Geoprocessamento 51, 53, 61, 62

Governo Federal 68, 76, 103, 164, 205, 207

H

História oral 134

I

Identidade 2, 8, 40, 42, 43, 44, 47, 48, 50, 66, 69, 80, 89, 97, 98, 110, 111, 112, 120, 121, 132, 134, 137, 142, 147, 175, 185, 197, 204, 247, 258, 260, 278, 279

Inhotim 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50

Instituições 24, 76, 82, 84, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 130, 151, 153, 176, 182, 189, 192, 195, 197, 198, 199, 208, 216, 218, 219, 220, 222, 223, 276

J

Juca Kfourri 64, 66, 68, 71, 74

M

Memória 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 70, 72, 90, 91, 107, 108, 109, 110, 118, 120, 121, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 142, 143, 146, 147, 148, 173, 175, 178, 213, 266, 269, 278, 280

Museu 37, 41, 107, 108, 109, 110, 112, 114, 115, 117

N

Nacionalismo 64

P

Parede 37, 38, 39, 40, 41, 47, 50

Patrimônio cultural 39, 45, 46, 48, 49, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 118, 120, 121, 122, 123, 127, 128, 130, 131, 132

Política 6, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 26, 28, 29, 30, 33, 36, 47, 64, 65, 66, 67, 68, 73, 74, 75, 80, 85, 92, 93, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 106, 120, 122, 123, 124, 128, 130, 131, 132, 136, 137, 141, 142, 157, 162, 165, 179, 184, 185, 191, 192, 198, 200, 208, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 225, 251, 260, 262, 266, 270, 276, 279, 280

Q

Quilombos 110, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 144, 276, 279

R

Reformas urbanísticas 23

Retrato 36, 37, 38, 41, 42, 254

Rio Andirá 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146

S

Segregação social 23, 98, 166

Segunda escravidão 118, 119, 120, 124, 130

SIG 51

T

Teledetección 51

Trabalho 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 23, 24, 25, 27, 28, 33, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 44, 71, 76, 83, 91, 100, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 111, 115, 116, 119, 121, 122, 124, 128, 132, 133, 135, 137, 138, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 155, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 171, 174, 175, 177, 178, 180, 181, 182, 183, 187, 188, 189, 190, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 213, 215, 216, 217, 218, 224, 235, 238, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 279

V

Vale do Café 118, 121, 122

Z

Zumbi 76, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 276

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade



🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2021

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade



🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2021